



INVESTMENT CENTER DEUTSCHE BANK PORTUGAL

Deutsche Bank



Obama: impacto de uma eleição

Esta semana Barack Obama tornou-se no quadragésimo quarto Presidente dos Estados Unidos da América, depois de uma convincente vitória sobre o candidato republicano John McCain. Os 349 votos garantidos por Obama no colégio eleitoral e os 52% obtidos na votação popular foram suficientes para que a margem de vitória do novo Presidente suplantasse as obtidas por George W. Bush em 2000 e em 2004. O presidente eleito, em termos gerais, beneficiou de um forte desejo de mudança exacerbado pela mais complicada situação macroeconómica desde o início da década de oitenta – bolsas em queda, mercado imobiliário em forte contracção, incremento do desemprego, consumo em queda, etc, etc, etc.

Poder-se-a agora colocar a questão tão

esperada: até que ponto esta vitória de Barack Obama será positiva para a recuperação dos mercados de capitais, pelo menos no curto prazo?

A resposta, tendencial e historicamente, será simples: só o futuro o dirá!!!

Ora, no passado, houve três ocasiões em que uma eleição presidencial decorreu num momento de recessão económica e em que um forte sentimento de esperança acompanhou o candidato vencedor: Franklin Roosevelt (Democrata, 1932), John Kennedy (Democrata, 1960) e Ronald Reagan (Republicano, 1980). No entanto, desta pequena amostra não podemos extrair nenhuma conclusão sobre o comportamento dos mercados de acções.

Nos doze meses após estas eleições o S&P500 valorizou fortemente sob as Admi-

nistrações Roosevelt e Kennedy (41,6% e 28%, respectivamente) e caiu ligeiramente com Reagan (-3,33%). O que a história nos tem dito é que os mercados de acções têm tido sempre um comportamento positivo no primeiro ano de um Presidente Democrata. Outro facto que tem sido comum em vários períodos históricos, que também poderá ser derivado a uma coincidência conjuntural, é o comportamento positivo dos mercados de acções sempre que o partido Democrata detém a maioria no Senado e na Câmara dos Representantes.

Não se pode, no entanto, enfatizar demasiado a questão política na previsão do comportamento no curto prazo dos mercados. Se a história pode levar-nos a conclusões atraentes – o facto de, por exemplo, o S&P 500 ter retornos muito superiores nas adminis-

trações democratas (12% contra os 4% em administrações republicanas) – também nos pode iludir e levar a tomar conclusões erradas. 2008 foi um ano em que claramente o passado nos poderia levar a tomar decisões erradas. Historicamente, o quarto ano de uma presidência é o mais forte em termos de crescimento económico (em média 4%) e os retornos das acções são em 80% dos casos positivos. No entanto, este ano, e pelas razões por todos conhecidas, acabou por ser o pior dos oito da era Bush.

Assim sendo, variáveis como as taxas de juro, preços da energia e matérias-primas ou riscos geopolíticos acabam, portanto e em relação a um efeito eleitoral, por ter um impacto bem mais importante na definição do comportamento dos mercados financeiros internacionais.